

revista

leante

ANO IV - Nº 13 - 03 DE ABRIL DE 2015

ISSN 2238-1414



**Oficina de criação:
crônicas**

Apresentação

Neste número da Barbante, apresentamos o resultado de parte do projeto “Oficina de criação: crônica e poema”, realizado durante o ano de 2014 no Colégio 28 de Janeiro, em Monte Alegre de Sergipe/SE. O projeto, proposto e implantado pela Profa. Christina Ramalho, da Universidade Federal de Sergipe, teve início com a formação de um grupo de estudantes de Ensino Fundamental e Médio do colégio interessados na produção de textos literários, em especial crônicas e poemas, com o objetivo de desenvolver atividades de leitura e criação de textos líricos (poemas) e narrativos (crônicas), a partir de “atividades-estímulo” que envolvessem filmes, matérias jornalísticas e reportagens em geral, obras de arte (pintura, escultura, arquitetura, fotografia, música, dança), história da literatura, história da arte e conceitos teóricos da criação literária.

Por meio de encontros mensais e acompanhamento semanal à distância, realizado pelos membros da equipe montada pela Profa. Christina, o grupo foi desenvolvendo atividades e realizando troca de impressões sobre os textos produzidos.

A produção das crônicas partiu de tarefas propostas a cada encontro mensal e gerou diversos textos. Aqui apresentamos uma seleção do que foi produzido, com orgulho do trabalho realizado. Antes de cada grupo de crônicas, descreveremos a tarefa proposta, de modo que os leitores possam acompanhar o próprio desenrolar do projeto.

Agrademos aos alunos do Colégio Estadual 28 de Janeiro que se envolveram no projeto e buscaram, a cada mês, aperfeiçoar sua escrita. Esta edição é de vocês!

As ilustrações que acompanham este número foram colhidas de outro projeto “Poesia Ilustrada”, também realizado no 28 de Janeiro, que envolveu, entre outros, a ilustração do poema “Marquesa de Cornwallha”, de Raquel Naveira, e “Latitudes”, de Márcia Leite. Antes da apresentação das tarefas relacionadas às crônicas, citamos os poemas ilustrados.

Ariene Braz Palmeira
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Carmem Silvia de Almeida
Éverton de Jesus Santos
Jessica Mayara Lisboa Leite

Organizadores

Mulheres também têm o direito
de trabalhar fora!

Daiomy Pereira Santana.



Produção textual: um processo de interação

Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Mestre em Letras, professor de Língua Portuguesa
da rede estadual de ensino de Sergipe
e professor tutor II da UNIT.

Sabemos que muitas pesquisas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa (doravante LP) vêm sendo desenvolvidas há muitos anos. Isso ocorre, principalmente, por conta dos procedimentos adotados pelos profissionais dessa área, nas salas de aula, ao ensinarem a língua a partir da Gramática Normativa. Observamos que, em algumas escolas, mesmo a Linguística já fazendo parte dos currículos dos Cursos de Letras desde 1960, a prática voltada para a Gramática Prescritiva ainda continua em voga. Entendemos que essa escolha se dá por os professores terem como referência tal perspectiva, a partir dos ensinamentos obtidos durante sua própria escolaridade e, conseqüentemente, registradas em uma memória discursiva (um processo coletivo, portanto). Além dessa perspectiva, trazemos à baila os postulados registrados pelo Ministério da Educação (MEC), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, segundo os quais:

[...] o domínio da língua oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva. [...] ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCNs 2001, p. 15).

No entanto, percebemos que o direito a que os PCNs fazem referência, em alguns momentos, é negado ao estudante, quando o sujeito autorizado a ensinar a LP elege apenas a norma dita padrão como sendo a referência para esse ensino. Por conseguinte, o ensino de língua está centrado na concepção da linguagem como espelho do mundo, a partir da qual temos a impressão de que existe uma relação direta e imediata entre a linguagem, o pensamento e o mundo. Nesse caso, o aprendiz/falante não é considerado um protagonista do processo, mas um ser passivo que chega ao espaço escolar para aprender as normas; e o educador, em sua maioria, esquece que esse sujeito, no dia-a-dia, faz uso da língua em diferentes situações.

Assim, a língua não é ensinada sob a perspectiva do seu uso, mas como um sistema fechado de regras impostas que deve ser ensinado aos seus falantes para que estes possam saber “falar e escrever corretamente”. Dessa forma, é necessário que o professor tenha o domínio de tal conhecimento, por ele ser o sujeito autorizado a transmiti-lo aos seus estudantes, produzindo o silenciamento das vozes dos sujeitos.

Apesar desse quadro, é possível percebermos práticas que rompem com esse molde tradicional, colocando o aluno como centro e um ser ativo através da leitura e da produção textual. Nesse sentido, vale mencionar a “Oficina de criação: crônica e poema” que foi desenvolvida no ano letivo de 2014 no Colégio Estadual 28 de Janeiro, situado no município de Monte Alegre de Sergipe/SE pela Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho, do Departamento de Letras campus de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O colégio oferta o Ensino Fundamental e Médio nos três turnos e tem um total de 700 estudantes matriculados. A sua localização fica no alto sertão sergipano. A escolha da instituição deveu-se ao fato de outros projetos terem sido lá desenvolvidos pela professora em parceria com

professores e equipe diretiva. Os estudantes foram convidados e a oficina iniciou com 15 estudantes inscritos, pois houve limitação de inscrição para que o grupo não ficasse grande, o que tornaria impossível desenvolver a interação entre estudantes, mediadores e textos. Além dos estudantes e da professora coordenadora do projeto, contamos com o auxílio de dois acadêmicos do curso de Letras da UFS (Ariene Braz Palmeira e Jessica Mayara Lisboa Leite) e dois mestrandos da mesma instituição (Carmem Silvia de Almeida e Éverton de Jesus Santos). A oficina ocorreu no próprio colégio uma vez a cada mês. O seu início deu-se com a apresentação do gênero crônica. Muitos estudantes desconheciam os aspectos que caracterizam tal gênero, o que não quer dizer que nunca houvessem lido alguma crônica. Durante seis meses, foram ocorrendo várias discussões a partir de textos expostos e analisados, que funcionaram como crônicas-motivadoras para uma série de atividades. Após a exposição de cada texto, havia a solicitação de que os estudantes produzissem crônicas, que, em seguida, eram enviadas aos membros graduandos e mestrandos da equipe, que realizaram trocas virtuais com os estudantes do colégio.

Após a jornada de produção de crônicas, chegou o momento de mudar de gênero. A poesia começou a aparecer e, embora não fosse tão desconhecida, o detalhamento do processo de criação lírica, ainda que mais complexo, começou a despertar a veia poética dos estudantes. A professora apresentou o gênero e nos demais encontros ocorreram produções e leitura das mesmas.

Ao final do projeto, conseguimos constatar que os estudantes envolvidos conseguiram se constituir sujeitos do seu discurso, assumindo um lugar de sujeito-aluno, expressando, assim, a sua mundivisão. Nesse sentido, não existirá a criação de apenas um aluno que compreenda o que leu, mas que interpreta, que brinca com os sentidos, com as palavras. Aluno sujeito/cidadão, produtor de sentidos e de novos mundos de palavras, possuidor de vez e voz no espaço escolar.

Dessa forma, a concepção de linguagem como processo, como inter-ação não fica apenas entre os muros da academia, sem ultrapassá-los. Ela proporciona a interrelação entre os educandos, possibilitando o contato interpessoal, tão rejeitado pela ideologia neoliberal.

Resta apenas reafirmar a necessidade de construção de leitores que sejam capazes de argumentar, negar, questionar e de criar, principalmente. É importante que alcem vôos em busca de países maravilhosos, mundos em que não haja silenciamento. É através da construção desses leitores/cidadãos que conheceremos mundos novos e pessoas com reflexões prazerosas.

Poema de Raquel Naveira

Marquesa de Cornualha

A marquesa da Cornualha
Vivia trancada num castelo
De onde só via o pátio de pedra
E os pássaros pousados na muralha.

A Marquesa de Cornualha
Vivia ao pé da roca de fiar
Tecendo fibra e malha
Para o berço
E para a mortalha.

A Marquesa de Cornualha
Vivia sonhando com um cavaleiro andante,
Com sua espada,
Sua cruz,
Seu gosto pela batalha.

A Marquesa de Cornualha
Vivia perto da lareira
E mesmo na noite fria
Seu coração ardia
Como uma fornalha.

Para a Marquesa de Cornualha
O amor era um punhal,
Desses que a pele retalha.

Poema de Márcia Leite

Latitudes

a latinidade está enraizada nos corações
em malmequeres ávidos por identidade

somos filhas das lendas de iemanjás e erês
pererês
e dos encantos das nanãs de quadris largos
que preparam — pés na terra, mãos no barro
cheirosas pajelanças de suor camarão dendê
em rituais de seios ofegantes
como maracas enlustradas para salsas românticas

mulheres
competentes
companheiras
mestiças de tantas raças
valentes
(que recusam os recursos dos saís para o viço mortiço
do oportunismo e da auto-piedade)

guerreiras
nos fogões herdados das 'sinhas'
nos pregões das bolsas de valores éticos
ou nos bastidores de melhor sorte
- daqui ou mais ao Norte
todas cúmplices (sem alarde)
das palavras nuas pró dignidade

brancas, caboclas, pardas e negras
em senzalas modernas
sem água
sem praças
sem jardins
sem rosas nos jarros
sem imagens de querubins dourados num horizonte azul-papel
— mas com anjos da guarda atentos e vigilantes, como o Céu

a latinidade é muito mais que o sangue quente
gotejando de testas nas urbanas ladeiras da desesperança
(perdição das nossas crianças)
é berro
que derrete o ferro nos sorrisos sem dentes - grillhões da ingenuidade -
é passo certo, esperto, consciente, requebrado
- por que não, se Graça de latinidade?-.

(Curtos & Definitivos, Oficina Editores, 2000, Rio/RJ)

Ana Letícia Andrade de Souza



Reconhecimento: NOSSO MAIOR OBJETIVO!

TAREFA 1

A tarefa 1 teve a seguinte proposta: “Partindo de título semelhante a ‘Um pé de milho’ (crônica de Rubem Braga estudada no primeiro encontro), e buscando estimular a curiosidade do leitor, criando algum suspense sobre o que vai escrever, produza uma crônica em que fale sobre alguma coisa que lhe chama a atenção em seu cotidiano. Use os recursos da hipérbole (exagero) e a símile (comparação), tal como fez Rubem Braga, para dar mais destaque a seu tema”.
Vejam as crônicas produzidas.

Um pé de tamarindo

Álvaro Silva

Os portugueses, por meio de embarcações, descobriram o Brasil e nele suas riquezas, o que não deixa de ser um fato importante. Mas um fato mais interessante aconteceu, alguns séculos depois, com o meu pé de tamarindo.

Aconteceu que, no fundo da minha casa, através de uma semente que o vento trouxe e a chuva enterrou, nasceu alguma coisa que parecia ser um simples pé de mato, mas descobri que se tratava de um pé de tamarindo. Cerquei-o para os animais não o comerem, e passei a regá-lo todos os dias. Uma semana depois, em uma terça-feira pela manhã, vi que o cercado havia sido derrubado pela metade pelos animais, me preocupei, mas, ao me aproximar, vi que felizmente nada havia acontecido com o pé de tamarindo. Passaram-se algumas semanas e ele cresceu vinte centímetros. Um amigo, ao vê-lo, afirmou ser uma árvore típica do sertão conhecida pelos sertanejos por “algaroba”.

Sou um homem teimoso e confiante nas coisas que acredito que sei. Por fim, eu tinha razão. Ele cresceu e está com sete metros de altura e com uma copa gigantesca. É um lindo e gigante pé de tamarindo. Aquele pé de tamarindo gigante e solitário, com suas folhas suculentas e flores parecidas com pequenos bonecos de desenho animado, e com suas grandes e grossas raízes, parecia de noite com um monstro, ou, quando o vento balançava suas folhas, com super-herói voando.

Hoje pela manhã aconteceu o que eu mais esperava, e que era óbvio de acontecer, ele, para a minha extrema felicidade, estava cheio de pequenos tamarindos. Não é uma das frutas mais belas e nem das mais saborosas do mundo, mas aqueles tamarindos de cor marrom balançando com a brisa da manhã, trouxeram alegria para o meu dia e mais vida para o meu quintal. Um sentimento bom que se pode declarar com toda certeza me invadiu naquele momento. Meu pé de tamarindo é um belo presente da natureza. Agora já não sou mais um simples trabalhador e admirador da natureza: sou um feliz e rico produtor de tamarindos.

A casa velha

Elenir Medeiros

O nordeste é uma região grande e quente, onde existem várias paisagens apreciáveis. A paisagem mais bela é a casa velha. Observando uma grande comunidade, cheia de construções por todas as partes, havia algo de espetacular em uma pequena casa velha, que logo chamou minha atenção. Fui em direção a ela para apreciar tamanha beleza. Busquei informações para saber quem viveu naquela casa. Uma pessoa disse que era de uma família, outra, que todos eram donos, porque a casa já fazia parte da comunidade, outro, ainda, acrescentou que não sabia contar a história daquele imóvel.

Desanimada, sem saber a história, de repente, desce um fenômeno do céu e fala: “Esta casa é preciosa, nela encontra-se um livro de história, com milhares de folhas escritas à mão, um baú, que quando aberto, reflete o brilho do seu ouro em seu olhar”. Em seguida, perguntei para o fenômeno (não sei como chamá-lo): “Por que tanta preciosidade nesta medíocre casa velha?”. Minha pergunta foi em vão, pois ele não respondeu.

Ontem, presenciei uma grande guerra entre ela (a casa) e uma terrível tempestade. Pensei que não iria vê-la mais de pé. Mas quando cheguei, deparei-me com aquela heroína, com um brilho infinito, toda maltratada. Hoje, estou aqui com pouco tempo de vida, mas nunca vi algo igual a isso, ainda estou sem acreditar no que vi diante dos meus olhos, e que, por isso, carrego em minha memória.

Brilho dos olhos

Eduarda Ketilly

Mãe morena, com filho loiro, é abordada por PM como suspeita de sequestro, o que não deixa de ser interessante. Mas um fato mais importante aconteceu comigo.

Em um belo dia ensolarado, eu estava à procura de emprego, mas fui rejeitado por onde passei. É espantoso saber que, em pleno século XXI, as pessoas usam a cor da pele como pretexto. Elas me olhavam da cabeça aos pés, porém, parecia que nada viam, nada ouviam. Trataram-me como um cão sem dono, ouvi risos, olhos esbugalhados, mas nada será capaz de tirar o que levo comigo: que é a minha dignidade.

Não que eu goste de falar, mas... Tenho a certeza de que, ao voltar, alguém estará à minha espera, com aqueles olhos flamejantes, com aquele alvejado sorriso. Ah, minha amada, como és bela.

Na sociedade, sou visto como um ignorante, um pobre homem sem caráter, cujos valores não poderão ser vistos enquanto as pessoas ousarem olhar para o brilho da minha pele, em vez de olhar para o brilho dos meus olhos.

Jo-ana Alves Carvalho Jo-ana
2: A

Jo-ana
2: A



Não é tarde para se sonhar, o céu ainda é azul,
há esperança, é só olhar no olhar de uma criança,
no sorriso de uma mãe que deu a luz.

A arrogância da chuva

Geyvson Cardoso

Parece filme, mas não é. Tampouco tenho certeza se foi um sonho absurdo, como costumam ser os sonhos, mas que sempre servem para alguma coisa.

Aconteceu que uma escuridão apocalíptica tomou o céu azul-marinho e engoliu a fênix Sol, que, sem o menor esforço, cedeu. E um frio mortal congelou o último raio de calor que restava vivo. Em seguida, um estrondo assustador reverberou entre os algodões negros, encharcados, e o chão tremeu. Neste momento, trovões soaram como lamentos pavorosos do além, e relâmpagos rasgaram o céu, em gritos ensurdecidos e roucos.

Então, as nuvens escuras se espremeram e não resistiram. E uma força minúscula, fina, cristalina e reluzente, começou a cair.

É a chuva. A chuva que bate no meu telhado como granizo caindo mansamente. A chuva que deixa o clima fresquinho e que faz as plantas desta nossa terra madrastra – mas fértil – nascerem. A chuva que enche os rios, as barragens, os tanques – e até irrigaria o canal de Transposição do Velho Chico que o nosso digníssimo Governo Federal prometeu, com tanto ardor, aos pobres infelizes e desafortunados nordestinos da região setentrional. A chuva que os mais desesperados imploram ao Deus-Pai, Todo Poderoso.

Mas não era apenas uma chuvinha mansa de verão. Agora, o céu esta Eclipse do amor
Graziele Oliver

Queria eu estar lá, observando de perto aquele espetáculo. Não, não era um espetáculo de marionetes, nem de balé, porém algo mais incrível ainda. Era um fato muito interessante que me deixava de olhos brilhando a observar, a cada instante, uma face, quem diria, da maravilha no céu! Aquela madrugada foi de grandes amores, com uma imagem que nos mostraria os significados de várias situações, e, em cada face, uma fase do amor. Fiquei observando do meu quintal o espetáculo da vida.

Embora eu seja uma amante conhecida como fria, naquele momento eu tinha razão de apelar para a emoção, pois não havia outra explicação para aquilo: o tal fenômeno físico não poderia se resumir em nada além do amor. Amor, este de que você pode fazer a sua própria interpretação, afinal, não somos donos de um só pensamento, de um só amor.

Era uma lua escura e solitária, conhecida como “lua de sangue”. Dia 15 de abril de 2014, a lua em sua primeira fase, estava, como em todas as outras, linda, e mostrava que, com o passar do tempo, o amor vai se desgastando. Mas nessa primeira fase, a lua é pequena, vamos dizer que se veja 1/3 dela, nada que pudesse abalar a sua beleza singela e sublime, pois a lua, mesmo pela metade, consegue ser graciosa, bela e extraordinariamente extravagante. Em cada fase do acontecido, a lua mostrava consequências do amor que só um amante poderia enxergar. E, de repente, a lua, após suas numeradas fases, resolveu ficar vermelha, sim, Vermelha da cor do amor, mas não parou. Ela conseguiu mostrar-nos a última fase de um amor que só pode ser entendido por quem ama de verdade.

Às 04h57, aconteceu que a lua, que estava vermelho-alaranjada, ficou totalmente preta. O céu escureceu. Imaginávamos não mais veríamos a lua, mas logo depois percebi que ela voltou ao seu normal fazendo-me constatar que sua última face era totalmente a explicação do amor. Enfim, a lua, de um lado, me dizia que o amor verdadeiro pode passar por qualquer fase, seja ela boa ou ruim, fazendo com que ele mude de cor e chegue ao túnel mais escuro; e, de outro, que ele também pode dar a volta por cima e recomeçar. Foi daí que eu percebi que não

sou uma pobre amante fria, mas sim uma eterna enamorada a observar o amor em tudo que se vê. Afinal, tudo é vida, é AMOR.

Monte Alegre de Sergipe, maio de 2014. va muito escuro e ameaçador. Uma assustadora tempestade ganhara fôlego, relâmpagos e trovões, ainda mais poderosos, irrompiam em volta, com violência.

Súbito, senti algo úmido se espalhar, aos poucos, entre minhas pernas. Sorri e revirei-me na cama, aliviado! Mas aquilo continuou pertinente e o que mais incomodava a mim era... O barulho. Então, eu estranhei.

Não, eu não havia mijado na minha deliciosa cama! Acordei num sobressalto, e logo descobri a origem do mal: quando olhei para o teto não havia uma cobra – como da última vez –, e também não era nenhum “Romeu, Raul, Well” do meu gato, que usara o meu telhado como um motel a luz do luar, algumas noites atrás (creio que Shakespeare acharia isso romântico). Era, na verdade, uma praga, uma desgraça incontrolável, uma catástrofe de proporções maiores que o terremoto do Haiti ou o desabamento nas favelas do Rio de Janeiro (pobres desabrigados!) – era uma goteira. Uma infeliz goteira. Tão minúscula – e quase sutil (senão pelo barulho irritante que causava) –, mas perversa, frívola e pertinaz.

Levantei rapidamente. Havia várias goteiras por toda casa, mas aquela era a pior. A maldita goteira que me acordara, que me fizera de tolo, ao achar que eu tivesse mijado na cama (o que não acontecia há anos) e que me perturbara sem dó nem piedade. Eu, um pobre moço, só queria uma boa noite sono.

Mas isso já não importava mais. Peguei uma vasilha GIGANTESCA, tirei meu short ensopado e coloquei-o dentro dela, em símbolo de protesto. Assim, abriguei a bandeira de paz e revolta em minha cama. Então, a maldita goteira se acalmou. Era mais alguém com quem eu teria de dividir a minha cama. Mas eu voltei a dormir. E quantos estavam na cama já não me interessava mais. Afinal, entre eu e a goteira pérfida, meu sono era mais importante.

Eclipse do amor

Graziele Oliver

Queria eu estar lá, observando de perto aquele espetáculo. Não, não era um espetáculo de marionetes, nem de balé, porém algo mais incrível ainda. Era um fato muito interessante que me deixava de olhos brilhando a observar, a cada instante, uma face, quem diria, da maravilha no céu! Aquela madrugada foi de grandes amores, com uma imagem que nos mostraria os significados de várias situações, e, em cada face, uma fase do amor. Fiquei observando do meu quintal o espetáculo da vida.

Embora eu seja uma amante conhecida como fria, naquele momento eu tinha razão de apelar para a emoção, pois não havia outra explicação para aquilo: o tal fenômeno físico não poderia se resumir em nada além do amor. Amor, este de que você pode fazer a sua própria interpretação, afinal, não somos donos de um só pensamento, de um só amor.

Era uma lua escura e solitária, conhecida como “lua de sangue”. Dia 15 de abril de 2014, a lua em sua primeira fase, estava, como em todas as outras, linda, e mostrava que, com o passar do tempo, o amor vai se desgastando. Mas nessa primeira fase, a lua é pequena, vamos dizer que se veja 1/3 dela, nada que pudesse abalar a sua beleza singela e sublime, pois a lua, mesmo pela metade, consegue ser graciosa, bela e extraordinariamente extravagante. Em cada fase do acontecido, a lua mostrava consequências do amor que só um amante poderia enxergar. E, de repente, a lua, após suas numeradas fases, resolveu ficar vermelha, sim, Vermelha da cor do amor, mas não parou. Ela conseguiu mostrar-nos a última fase de um amor que só pode ser entendido por quem ama de verdade.

Às 04h57, aconteceu que a lua, que estava vermelho-alaranjada, ficou totalmente preta. O céu escureceu. Imaginávamos não mais veríamos a lua, mas logo depois percebi que ela voltou ao seu normal fazendo-me constatar que sua última face era totalmente a explicação do amor. Enfim, a lua, de um lado, me dizia que o amor verdadeiro pode passar por qualquer fase, seja ela boa ou ruim, fazendo com que ele mude de cor e chegue ao túnel mais escuro; e, de outro, que ele também pode dar a volta por cima e recomeçar. Foi daí que eu percebi que não sou uma pobre amante fria, mas sim uma eterna enamorada a observar o amor em tudo que se vê. Afinal, tudo é vida, é AMOR.

Monte Alegre de Sergipe, maio de 2014.

Meu pé de mandacaru

Iara Ferreira

Quando penso nesse fato, a primeira ideia que me vem à mente é a exuberância de uma planta do nosso sertão. Em um lindo dia lá no terreno do meu avô, ocorreu um fato que nos marcou. No final de uma plantação de palma, estava nascendo um pé de alguma coisa, que, ao observar, não consegui identificar o que seria. Passaram-se alguns dias e voltei ao local, e lá estava aquele pezinho de algo, bem maior do que o esperado, e todo rodeado de espinhos. Comecei a pensar: "pode ser um pé de mandacaru". Chamei o meu avô, e ele confirmou.

Passei alguns meses sem ir olhar. Logo aconteceu: fui observar como estaria o pezinho de mandacaru, chegando lá foi surpreendente ver o tamanho e a perfeição daquele pé de mandacaru, com uma exuberância de chamar a atenção de qualquer pessoa que o olhasse. Logo me questionei: como pude ser tão cruel de ter passado tanto tempo sem ter vindo apreciar esse esplêndido pé de mandacaru.

Além disso, uma coisa muito linda aconteceu: uma flor estava brotando, e logo depois veio o seu fruto, com uma cor de chamar bastante a atenção. A cor vermelha mais linda de todas. De tal forma o inesperado ocorreu que o toquei, e logo me surpreendi. Aqueles enormes espinhos que o rodeavam não me machucaram. Comecei a pensar que ele só machucaria alguém se fosse tocado com brutalidade. Nada poderá machucar alguém seja tocado com delicadeza e carinho. Cada dia que passa, eu me encanto mais com meu pé de mandacaru, que é um gesto enriquecedor para o nosso sertão maravilhoso.

O canto dos passarinhos

Maria Islane de Freitas

Ligar o rádio, o celular ou o computador para ouvir músicas ou ver vídeos. Interessante e até legal. Mas nada é tão exuberante quanto o que aconteceu com os passarinhos embaixo do pé de laranja da minha casa.

Aconteceu que, como todos os outros dias, estava eu em uma bela manhã de fim de semana, regando as plantas que ficam ao redor de minha casa, quando resolvi deixar a mangueira derramando água sobre o pé de laranja e saí. Após alguns minutos, comecei a ouvir alguma coisa que de certo modo me chamou a atenção. À medida que fui me aproximando daquele som, ele ficava mais belo, como uma linda melodia. Percebi, então, que aquela melodia vinha dos passarinhos que estavam embaixo do pé de laranja.

Sou uma pessoa comum que se deixa levar pela correria do dia a dia, a ponto de não perceber pequenas coisas. Mas eles me conquistaram. Os passarinhos eram realmente deslumbrantes! Mergulhavam em uma poça d'água que tinha se formado debaixo do pé de laranja e cantavam suas melodias sem palavras que pousavam em minha alma como penas de esperança.

Então aconteceu que os passarinhos não eram mais simples aves declamando seus cantos, mas uma orquestra sinfônica, em que cada instrumento desempenhava sua função, para que a melodia saísse em perfeito timbre. Os passarinhos são um belo gesto da natureza. E eu não sou mais uma triste e medíocre pessoa: sou uma esperançosa observadora de pássaros.

QUANDO
SE
VAI
LUTA
OS
SE
SE
FILM
PERE
DIANTE
DOS
SE
SOS



Quando você filia do
mundo feminino

TAREFA 2

A tarefa 2 teve a seguinte proposta: “Usando a mesma estrutura da crônica ‘O pavão’, de Rubem Braga (veja abaixo), produza uma crônica curta em que, a partir da lembrança de determinada imagem, você estabeleça comparações entre o que recordou e duas outras coisas ou situações. Crie seu título.

Eu considerei...

Eu considerei que...

Considerarei, por fim, que...”

O João de barro

Álvaro Silva

Eu considereei a simplicidade do João de barro construindo seu ninho; perfeição da natureza. Apesar de ser feito com materiais simples: barro seco, barro molhado e/ou argila, é um trabalho bem elaborado e requer dedicação do artista que o João de barro é.

Eu considereei que esse é o prazer e a glória de uma Louceiro, conseguir com estes simples materiais, fazer fluir sua imaginação. Com água e argila, ela faz sua felicidade. Seu esplendor é poder expressar com o barro tudo o que sua mente lhe permitir.

Considereei, por fim, que dessa forma é o amor; minha querida amada. Entre todas as coisas do mundo, escolho a simplicidade do brilho dos teus olhos nos meus, e, em um simples gesto do toque de nossos lábios, nos calamos, ouvimos a voz do coração e nos tornamos um único ser, vindo do barro e moldado pelo mais perfeito dos artistas: Deus.

A lua

Eduarda Ketilly

Eu considereei a lua e sua imensa claridade que nos ilumina. Cheia de glória e esplendor, a lua com sua forma de ser, é, na verdade, algo divino.

Eu considereei que assim fez o criador. Essa gloriosa luz acompanhada com pequenos pontos no céu, que mais parecem vagalumes.

Considereei, por fim, que assim é o amor. Oh, minha amada, como tudo o que a lua esplende, somente teus olhos são capazes de transmitir a luz que me guia. Assim é o amor, lindo nos olhos de quem vê, perfeito nos olhos de quem sente.

Arara azul

Elenir Medeiros

Eu considereei a magnífica beleza de um grande fenômeno, a arara azul. Com sua mágica cor, deixa seu voo com cara de eternidade na imensidão do céu. A arara azul é um oceano de penas. Eu considereei que a beleza de suas penas atinge um grande esplendor, com um minúsculo detalhe: a simplicidade. É, em meio ao horizonte, que a arara encontra seu abrigo, lugar aconchegante, refúgio das aves.

Considereei, por fim, que assim é a amizade. Que nos mostra sua magnífica beleza apaixonante e seu sorriso de heroína, sempre de braços abertos, nos ajudando a levantar, como um bom e velho amigo.

Da cor do pecado

Geyvson Cardoso

Eu considerei a rosa vermelha a mais bela e arrogante das flores – de curvas sinuosas, pele aveludada, lábios úmidos e macios, faz-se a mais desejada e admirada entre todas as outras.

Eu considerei que assim são as formosas mulatas brasileiras: um pecado capital, de corpos tentadores e atraentes. Ah... Tão bem feitas que tonteiam e tornam os homens rijos. A mais pura e verdadeira obra-prima!

Considerei, por fim, a paixão, um devaneio do homem – o ímpeto violento de afeto. A queimadura que consome e rega por dentro, em súplica ao desejo possesso de estar perto e que deixa os corações inquietos, em uma overdose de sentimentos inseguros que incendeiam os corpos exauridos nas labaredas de sensações.

Beija-Flor

Graziele Oliver

Eu considereei a beleza de um beija flor, lindo ostentando suas cores e seu bico, que sai por aí, trazendo amor e demonstrando carinho. Mas, andei pesquisando, e descobri que seu hábito de voar de flor em flor é decorrente apenas do processo de polinização. Bicos e línguas estão adaptados para beber o néctar das flores tubulares ou em forma de trombeta. Entretanto, o beija-flor é um símbolo do amor.

Eu considereei que esta é a beleza de um amante: descobrir novos horizontes até reconhecer seu verdadeiro amor. De Beijo em Beijo ele demonstra afeto, imagens do coração; seus Mistérios e deixa no ar Cumplicidade.

Considereei, por fim, que assim se diz o amor! Minha flor, de todas as bocas que beijei, na tua eu encontrei a cumplicidade e a simplicidade que me fizeram ver a tua beleza rara. Esse beijo veio com um toque de cheiro que você deixou no ar. Ele me fascina e me faz delirar.

O pôr do sol

Iara Ferreira

Eu considereirei o pôr do sol um espetáculo esplêndido; é um brilho natural. Mas é indispensável lembrar daquela tarde do sol se pondo na mais linda imagem de todos os tempos. É um brilho esplêndido que se fragmenta diante dos olhos, impedindo qualquer pessoa de fixar o olhar naquele fenômeno.

Eu considereirei que essa é a riqueza da natureza, tendo a paisagem com um significado que lembra liberdade e viagem. Seu grande encanto é a elegância.

Considereirei, por fim, que aquele vermelho abrasador desperta o amor; assim como as brasas de uma fogueira. É um fenômeno encantador apreciar o pôr do sol, e ver nele um brilho que reluz em seu olhar.

Um grande homem...

Laiane Sousa

Eu considerei a glória de Carlos Alexandre, o esplendor de seu espírito é algo que nem todos conseguem ter. Então andei investigando e descobri que sua glória contagia a todos, com ela vem um bem-estar e estarmos ao lado dele é o bastante para sentir. Não há nada em especial, o que há é seu jeito simples de ser, sua simplicidade encanta sem que percebamos.

Eu considerei que sua simplicidade é como uma rosa que mesmo tendo espinhos não os deixa danificarem a sua beleza. Com um perfume que encanta qualquer pessoa, seu mistério é simplesmente a pura singeleza.

Eu considerei, por fim, que assim é o amor. Oh, meu amado! Quanto mais simples as nossas trocas de olhares, mais os nossos corações baterão em sintonia... Não somos perfeitos em nosso amor, mas somos únicos, amando até o infinito.

O botão de rosa

Maria Islane de Freitas

Eu considerei a glória de um botão de rosa desabrochando; é uma beleza magnífica. Mas andei observando e percebi que toda aquela mudança não existe. Não há mudanças. O que há são transformações esplêndidas que a natureza oferece. O botão de uma rosa desabrochando é uma caixinha de segredos.

Eu considerei que esse é o segredo da grande personalidade de uma pessoa, descobrir e exaltar o máximo de beleza que há em seu interior. De descobertas, ela faz seu esplendor, e conhecer a si mesmo é sua arte.

Considerarei, por fim, que assim é a vida; de tudo o que ela nos oferece, suas surpresas e seus segredos, suas belezas e suas transformações, seus dias de cor cinza e seus dias coloridos. Ela me enche de alegria e me surpreende a todo instante.



TAREFA 3

A tarefa 3 teve a seguinte proposta: “Utilize uma das frases que escreveu após a experiência com os estímulos sonoros que recebeu no encontro de hoje e desenvolva uma crônica.”

Sons do Coração

Deidyane Wityla

Certo dia, eu estava passando pela avenida e me deparei com um casal. Mas não era um casal qualquer, era um casal de surdos que apenas seguia o som do coração, e era esse mesmo som que os guiava.

Era noite de lua cheia, o céu estava lindo, cheio de estrelas. Para muitos, o jovem casal seria um pequeno detalhe, mas para mim aquele menino e aquela menina eram o motivo de minha felicidade, porque só de ver o quanto eles se acariciavam, se tocavam e se beijavam me comovia. Porém, vem o questionamento possível: por que o casal seria motivo de minha felicidade? Talvez seja pelo fato de os dois, sem saberem, comporem uma perfeita obra-prima e terem me mostrado que um simples som inaudível pode fazer reviver um amor que havia chegando ao fim.

Marulha, marulhar

Geyvson Cardoso

Marquei os meus pés na areia, fechei os olhos e esperei o mar beijar a praia. Ouvi o marulhar, em amplos bocejos, que, veio, veio, veio, e, de mansinho, chegou, desbravando os lábios inocentes da praia.

Dali dei dois passos para trás, onde as ondas não podiam alcançar. As marcas que deixei na areia, aos poucos, foram se apagando pelas ondas em sua contínua metamorfose, ora vindo, ora indo, ora indo, ora vindo.

Ah, tão efêmeras... Ah, tão permanentes...

Sabiá

Graziele Oliver

A prisão não é algo de interessante muito menos quando se pode haver liberdade, mas pode nos trazer ensinamentos.

Um dia, certo homem aprisionou um pássaro chamado Sabiá numa gaiola e, com passar dos tempos, percebeu que seu canto não era o mesmo que o encantou naquela caça. Aquela gaiola trazia solidão ao belo o sabiá, conhecido pelos cantos e recantos do mundo por seu assobio de alegria presente nas florestas abertas, beiras de lagos e campos sempre ao amanhecer e anoitecer. A prisão lhe tirava toda a sua perfeição. Seus inúmeros assobios poderiam ser interpretados como um pedido de liberdade... O velho homem já enxergava que aquilo não o fazia bem.

De repente, o homem libertou o sabiá, e, como forma de gratidão, o sabiá, sempre pela manhã, em sua janela vinha cantar. E assim o velho homem percebeu que a liberdade é um dos nossos maiores tesouros, que a prisão só nos afoga em mágoas e desencanta o que temos de melhor.

Liberdade não é raridade, é prioridade. Liberdade é viver para si, permitir-se. Liberdade é viver sem medo dos tropeços da vida, das rasteiras malditas, da intensidade do mundo. Liberdade é saber enxergar a felicidade do próximo e não invejá-la mesmo sem conhecer a própria felicidade. Liberdade é amar e se permitir voar e cantar igual a um sabiá.



Somos todos iguais
independentes de cor,
sexo ou raça!



Aline Cândido de Oliveira

TAREFA 4

A tarefa 4 teve a seguinte proposta: “Utilize uma das frases que escreveu após a experiência com os estímulos olfativos e gustativos que recebeu no encontro de hoje e desenvolva uma crônica”.

Todos os aromas

Deidyane Wityla

Estava um dia na repentina caminhada pela pracinha da Augusta, onde nada me parecia estranho, até que me deparei com dois rapazes em uma cena que me fez parar, sentar em frente, e discretamente focar meu olhar neles.

Nunca tinha visto algo parecido. Os dois eram cegos e estavam felizes. Riam, cantavam e comiam sem nem ver o que estavam comendo, mas pareciam gostar e curtir cada mordida, sentindo profundamente o paladar. Fiquei curiosa com a cena, mas não tive coragem de me aproximar. De repente, sentou-se a meu lado um homem de branco que não recordava de ter visto antes. Ele me olhou e disse: Linda cena, né? E ele próprio respondeu: “Quando perdemos a oportunidade de ver é que usamos intensamente o nosso olfato e o nosso paladar, dando mais valor aos outros sentidos. Olhe para eles, que felizes! Mesmo não podendo ver a beleza desse lugar, eles o descrevem pelo cheiro doce das flores, pelo ar fresco do local, e cada mordida um gosto diferente, pois podem sentir profundamente o gosto da comida... Eu pergunto a você: Será que só damos valores aos sentidos quando perdemos outro? Isso está errado, vá em frente e use ao máximo seus sentidos, sinta o cheiro das flores, o gosto das frutas e sinta com mais prazer o beijo de seu amado, pois pode ser a última imagem em sua mente”. Com essas palavras, ele se foi e desapareceu na luz do sol...

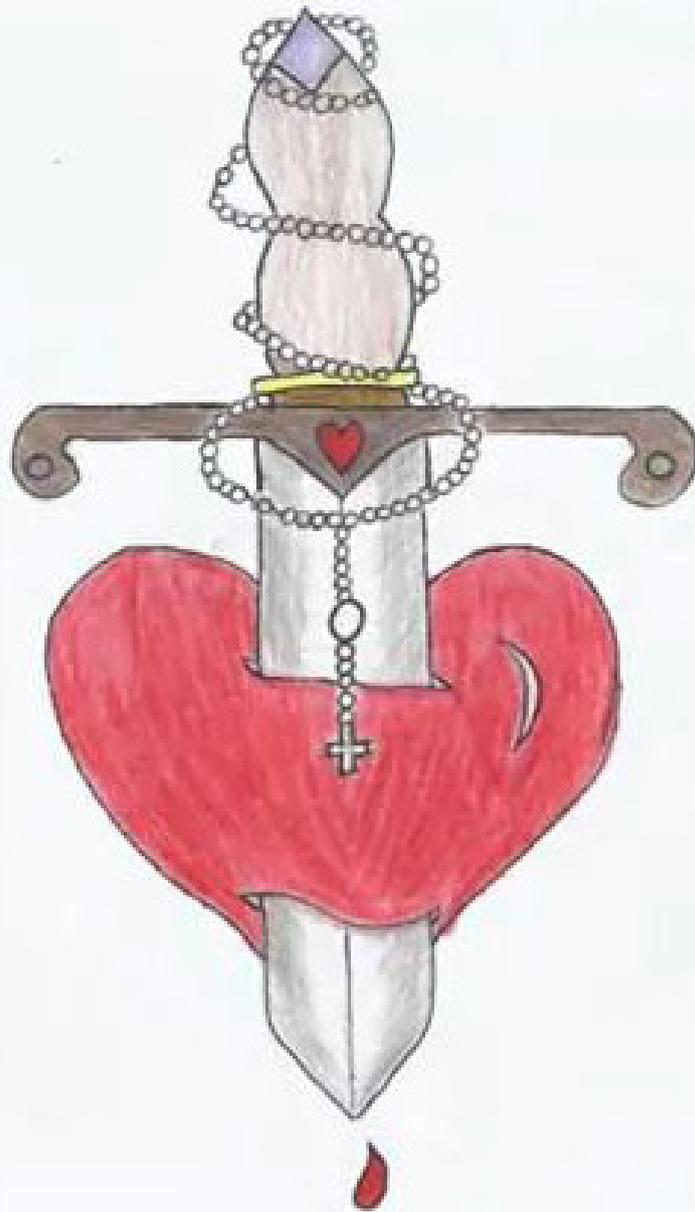
Hoje estou como aqueles dois amigos da pracinha: sentindo o cheiro, provando os sabores, porque hoje sou como eles... Não posso ver, mas posso viver feliz e intensamente.

Cheiro Carolina

Geyvson Cardoso

Foi numa dessas conversas pelo whatsapp...

- Qual o seu cheiro?
- Meu cheiro?
- É, seu cheiro. Qual é o cheiro do seu cheiro?
- Eu não sei...
- Não sabe?
- Não.
- Como não sabe?
- Não sei, ué!
- Você não sabe o cheiro que você tem?
- Eu não acho que eu tenha um cheiro.
- Todo mundo tem um cheiro.
- Não acho.
- Não acha?
- Não.
- Por quê?
- Porque o cheiro que a gente tem geralmente é de alguma coisa que não é a gente.
- ...
- Por exemplo, eu posso cheirar a chocolate, mas o cheiro de chocolate não é MEU cheiro, é o cheiro DO chocolate...
- ...
- ...
- EURECA!
- Eureka?
- É, eureka.
- Por que eureka?
- Cheiro Carolina!
- Cheiro Carolina?
- É.
- O que é cheiro Carolina?
- O seu cheiro.
- O meu cheiro?
- Hum-hum.
- Mas eu já disse que não tenho cheiro porque...
- Sim, exatamente! Porque o cheiro Carolina só você tem!



“A primavera obriga o meu amor solitário!”

moeda custo de Santana

TAREFA 5

A tarefa 5 teve a seguinte proposta: “Utilize uma das frases que escreveu após a experiência com os estímulos táteis que recebeu no encontro de hoje e desenvolva uma crônica”.

A velha braúna

Tereza Fortunna

A velha braúna, que ocupava um grande espaço no quintal de seu Adalberto, já não fazia tanta sombra nos quentes dias de verão como antes, e ele, que já não achava nenhuma serventia para a pobre e velha árvore, decidiu cortá-la.

No dia seguinte, acordou decidido a trazer a árvore abaixo.

De repente, chega sua neta, uma criança cega que ia visitar o avô todo final de semana.

A criança, ao ouvir o barulho do machado caiu aos prantos:

– Vovô! Por favor, não corte!

– Mas ela só está ocupando espaço, não serve mais para nada, falou o velho.

Então ela se aproximou, tocou no tronco áspero da árvore e disse:

– É aqui que gosto de ficar... Essa árvore é como um gigante que parece mau por causa de seu tamanho e sua brutalidade, sem falar na aspereza. Mas nada disso importa, porque o que vale é seu interior. Essa árvore é como eu, não consegue ver, mas consegue sentir.

Expediente

Revista Barbante
Ano IV - Nº 13 - 03 de abril de 2015
ISSN 2238-1414

Editores

Rosângela Trajano
Christina Ramalho

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Filipe Couto
Márcio de Lima Dantas
Rosa Regis
Sylvia Cyntrão
Leonardo Bezerra

Capa

Ilustração da capa de Pedro Henrique dos S. Silva

Ilustrações

Em cada ilustração consta o nome do autor

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

